COP31

Fracasso histórico

Falta de menção a compromisso pelo abandono dos combustíveis fósseis leva União Europeia, Reino Unido, Panamá e Noruega, entre outros países, a rejeitarem acordo. As negociações foram as mais longas desde a criação da ONU, em 1945

» RODRIGO CRAVEIRO

A expressão de decepção do ministro do Meio Ambiente, da Urbanização e das Mudanças Climáticas da Turquia e presidente da COP31, Murat Kurum, flagrada pelos repórteres fotográficos, antes da plenária final da Conferência da ONU sobre Mudança do Clima, deu o tom do desastre. Depois de negociações que se arrastaram por 49 horas a mais do que o previsto, a cúpula terminou em fracasso histórico. Kurum declarou a COP31 encerrada às 19h33 no horário local (13h33 em Brasília), sem que houvesse consenso sobre um acordo climático que mencionasse a eliminação gradual dos combustíveis fósseis.

"Fizemos o melhor que pudemos. O texto não foi imposto a ninguém. Entendo que não há acordo sobre ele. Por essa razão, essas decisões não foram adotadas", afirmou Kurum. "As mudanças climáticas não estão esperando pelo cronograma de negociações; os desastres não estão esperando; o mundo não está esperando. Exploramos todas as vias possíveis para um consenso em Antália. Encerramos a sessão da COP31, mas não vacilamos em nossa determinação de trabalhar e lutar pelo nosso futuro comum", acrescentou, ao prometer trabalhar por um "futuro habitável".

"Infelizmente, não conseguimos chegar a um acordo sobre uma decisão final (...) E isso é decepcionante. Muito decepcionante", admitiu, por sua vez, Chris Bowen, ministro do Clima e da Energia da Austrália, que presidiu as negociações. União Europeia (UE), Reino Unido, Panamá, Ilhas Marshall, Noruega e Vanuatu se recusaram a apoiar o controverso texto que nem sequer citava o abandono dos combustíveis fósseis, uma das causas centrais das mudanças climáticas.

A proposta final, chamada de Pacto de Antália, foi elaborada pela Turquia e pela Austrália, que dividiam a Presidência da COP31. Os dois países tentaram superar um confronto diplomático entre a Arábia Saudita, defensora do texto, e a UE, mas falharam. O rascunho, vetado durante a plenária, convidava os países a eletrificar suas economias e incitava as nações ricas a financiarem as mais pobres, a fim de adaptarem-se às consequências da crise climática. Também instava os países a ultrapassarem pouco o limite de 1,5 grau Celsius de aumento nas temperaturas médias. No entanto, ignorou qualquer citação aos combustíveis fósseis. O texto continha uma referência indireta à COP de Dubai, realizada em 2023, durante a qual foi acordado o abandono de combustíveis fósseis. Também respaldava a captura e o armazenamento de carbono presente na atmosfera, uma tecnologia cara defendida pelos países petrolíferos do Golfo Pérsico.

Na segunda-feira passada, o governo australiano chegou a apresentar uma minuta inicial que destaca a urgência de acelerar o fim gradual dos combustíveis fósseis. A objeção da Arábia Saudita fez com que o trecho desaparecesse de uma segunda versão, publicada três dias depois.

Yasin Akgul/AFP



Murat Kurum (E), presidente da COP31 e ministro turco, demonstra decepção antes de sessão plenária, no Antalya Expo Center, em Antália

Vozes dos especialistas

Arquivo pessoal



"O campo das negociações voltadas ao consenso será um espaço desafiador, diante dos obstáculos geopolíticos. Embora não haja dúvida de que o resultado final da COP31 tenha sido decepcionante, isso não significa que o multilateralismo tenha fracassado. Ele continua sendo essencial para forjar um consenso comum e manter vivo o espírito do Acordo de Paris. O processo da ONU permanece como o único fórum em que cada país tem voz e oportunidade de influenciar os resultados. As ações voluntárias de estados, cidades, empresas, investidores e de alguns governos nacionais estão, cada vez mais, no centro da solução."

Cosima Cassel, líder do Programa em Diplomacia Climática Multilateral do E3G (em Londres)

Erich Saide



"Trinta e uma cúpulas sobre o clima se passaram e os governos ainda não conseguem chegar a um acordo sobre como enfrentar a principal causa da crise climática: os combustíveis fósseis. Todos sabemos o que precisa ser feito — a energia renovável tornou-se mais barata e rápida de se implementar —, mas países determinados a expandir a produção de combustíveis fósseis continuam a bloquear o progresso, enquanto nações ricas se recusam a fornecer o financiamento necessário para uma transição justa. Esta é uma das COPs mais decepcionantes da história."

Tzeporah Berman, fundadora e presidente do comitê diretivo da Iniciativa do Tratado de Não Proliferação de Combustíveis Fósseis

O pacto rejeitado

Confira algumas das propostas que integraram ou se ausentaram do rascunho bloqueado na plenária

» **Combustíveis fósseis**
O chamado Pacto de Antália falhou em endossar a "transição para o abandono dos combustíveis fósseis", uma demanda de 130 países.

» **Captura de carbono**
Ao invés disso, o texto sugeria capturar e armazenar o carbono presente na atmosfera, uma proposta defendida pelas nações produtoras de petróleo do Golfo Pérsico, que vai na contramão do abandono de combustíveis fósseis.

» **Eletricidade**
Elevar a participação da eletricidade no consumo global de energia para 35% até 2035, ante os atuais 23%. A proposta partiu da Turquia, anfitriã da cúpula.

» **Recursos à adaptação**
Durante a COP30, realizada no Brasil, aparecia a meta de destinar US$ 120 bilhões (ou R$ 714 bilhões) anualmente aos países em desenvolvimento para adaptação ao impacto das mudanças climáticas. O número desapareceu nas recentes versões do documento.

Basta um veto...

As decisões das conferências climáticas da ONU são tomadas por consenso, o que permite que uma única delegação entre os quase 200 países participantes bloqueie um acordo. O revés deve reforçar as frequentes demandas por uma reforma no funcionamento das COPs. A reunião em Antálya foi marcada pela ausência dos Estados Unidos, que se retiraram das negociações climáticas após a volta de Donald Trump à Casa Branca.

Repercussão



Fabrice Coffrini / AFP

"Estou profundamente decepcionado pelo fato de a COP31 ter terminado sem um consenso sobre um resultado abrangente. (...) A mensagem central da COP31 é clara: o mundo precisa fazer muito mais para enfrentar a crise climática. E precisa fazer isso agora."

Antonio Guterres, secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU)



Arquivo pessoal

"O fracasso da COP31 é um absurdo — é inaceitável que um punhado de "petroestados" tenha poder de veto sobre qualquer menção aos combustíveis fósseis. Querem fazer você acreditar que a crise climática é um problema que o mundo não tem disposição para resolver."

Al Gore, ex-vice-presidente dos EUA e Prêmio Nobel da Paz em 2007



Yasin Akgul/AFP

"Não apoiaremos uma decisão que não leve em conta a ciência e que, na verdade, corra o risco de aprofundar o abismo entre os compromissos globais e as ações necessárias... Uma decisão que sequer menciona os combustíveis fósseis."

Darragh O'Brien, ministro do Clima, da Energia e do Meio Ambiente da Irlanda

"Lucros obscenos"

A canadense Tzeporah Berman, fundadora e presidente do comitê diretivo da Iniciativa do Tratado de Não Proliferação de Combustíveis Fósseis, acompanhou em Antália as negociações, durante as duas últimas semanas, e culpou as nações desenvolvidas pelo retrocesso. "O principal motivo do fracasso da COP é o fato de países ricos bloquearem o progresso ao se recusarem a financiar a transição de nações vulneráveis, enquanto continuam a expandir a produção de combustíveis fósseis", afirmou ao **Correio**. "Essas mesmas nações subsidiam os lucros obscenos da indústria de petróleo e gás com o dinheiro dos contribuintes e ampliam a produção desses combustíveis, mesmo sabendo que isso resultará em mais incêndios, inundações e ondas de calor."

Para Berman, o desfecho da COP31 não é um fracasso da ciência ou de suas soluções, mas de liderança política e de um sistema que permite a prevalência da obstrução na mesa de negociações. Ela acusou a indústria de petróleo, de gás e de carvão de negar a ciência climática, além de retardar e enfraquecer as tratativas há décadas. "Esse setor também tem espalhado o medo em relação a preços e escassez, ao mesmo tempo em que torna a vida das pessoas mais cara e obtém lucros recordes", lamentou. A canadense sublinhou que a menção aos combustíveis fósseis no texto final da COP foi bloqueada pela Arábia Saudita e por outros países fortemente influenciados pelo lobby do petróleo e do gás. "Eles estão priorizando a proteção de lucros elevados e de poluidores, em detrimento da proteção das pessoas. Se quisermos manter a população a salvo de incêndios, inundações e ondas de calor cada vez mais letais, precisamos reduzir a poluição e interromper a expansão do petróleo, do gás e do carvão", opinou.

"Texto fraco"

Líder do Programa em Diplomacia Climática Multilateral do E3G — uma organização internacional independente de pesquisa especializada em mudanças climáticas e transição energética baseada em Londres —, a britânica Cosima Cassel disse ao **Correio** que a COP31 falhou em não entregar uma resposta para acelerar a implementação do Acordo de Paris e em não demonstrar uma ação coletiva. "Diante de ventos geopolíticos contrários significativos e de obstáculos persistentes, um grupo expressivo de países rejeitou um acordo fraco, a fim de proteger a integridade da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC), do Acordo de Paris e da ciência do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas", explicou a especialista, de Antália.

De acordo com Cassel, além de uma estrutura de Presidência da COP31 desafiadora e do foco desequilibrado na decisão final, outras frentes de negociação foram negligenciadas. "Esta COP mostrou que, para se chegar a um consenso ambicioso, é necessária uma diplomacia sólida, capaz de construir apoio entre as capitais ao longo de todo o ano — e não apenas durante a COP. Em um cenário geopolítico tenso, se o trabalho de base não for realizado, não haverá acordo", advertiu.

Apesar da falha da COP31 em firmar um acordo, Cassel vê alguns resultados, como a adoção de decisões sobre o Programa de Trabalho para uma Transição Justa e sobre a meta global de adaptação. "A ONU trabalha baseada no consenso. Um pequeno grupo de países pode bloquear a inclusão de termos que contam com o apoio da maioria das partes. A Arábia Saudita e outros Estados dependentes de petróleo resistiram a qualquer menção à transição para o abandono dos combustíveis fósseis, e a Rússia juntou-se a essa resistência."